



MÍDIA E CRIANÇA: PRATICANDO JORNALISMO NO ESPAÇO ESCOLAR

Carly B. de Aguiar¹, Luciana de Sá Lazarini² e Maria Rita Teixeira Afonso³

“Si los jóvenes consumen los medios sin aprender a hacer una crítica o pensamiento analítico acerca de la calidad y adecuación de las fuentes, el formato, la imagen, el estilo, el contenido, la intención o las desviaciones, les habremos fallado como educadores democráticos”

Mary Hepburn

INTRODUÇÃO

A produção de um jornal na escola é sempre um processo de múltiplas repercussões didático-pedagógicas. Além de servir como instrumento catalisador de aprendizagem de conteúdos interdisciplinares pode desempenhar um duplo papel de referência: Ao mesmo tempo em que abre um espaço de vivências no campo da sociabilidade humana, também se constitui como um agente de socialização política contribuindo para a formação da cidadania democrática.

Diversos programas de introdução do jornal na escola tem surgido e se consolidado, no Brasil, por iniciativa das empresas jornalísticas, contudo, tem sido escassa a participação de educadores e pesquisadores de comunicação nesses empreendimentos. Daí o principal – e às vezes único - objetivo perseguido venha a ser a formação do futuro leitor do jornal. Em outras palavras, investe-se apenas no desenvolvimento do hábito da leitura, enquanto consumo de uma mercadoria cultural, e não na formação do cidadão como receptor crítico e capaz de produzir informações para a comunidade.

¹ Docente da Universidade Estadual de Londrina, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com estágio pos-doc na Universidad Autonoma de Barcelona (Espanha) e líder do “Núcleo de Estudos de Comunicação e Educação para a cidadania” – Grupo de Pesquisa do CNPq

² Mestranda em Comunicação na Universidade de Brasília, graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (fevereiro de 2003) e membro do grupo de referido pesquisa

³ Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina, atualmente atua como assessora de imprensa em São Paulo e é membro do grupo de pesquisa citado.



Esta comunicação focaliza a temática das relações entre escola e mídia, a partir do suposto de que a universidade ao assumir o compromisso de produzir e articular conhecimento útil, não apenas no nível da reflexão, mas da experimentação prática numa ação que já constitui um serviço à sociedade, atua, sobretudo, na direção da busca pela formação de um jornalista educacionalmente responsável. E por se tratar de um estudo vinculado ao ensino básico, amplia sua atuação, contribuindo com este nível educacional no que se refere à formação da cidadania democrática a partir da infância.

São conhecidos os diagnósticos sobre as interações entre mídia e educação que registram resistência, por parte de professores, à utilização dos meios de comunicação na atividade docente no ensino básico. Tal realidade acarreta uma série de perdas. Para ficar em um único exemplo: Perde-se a oportunidade de percepção das variadas formas através das quais a mídia capta, focaliza e explora o universo infanto-juvenil, como pode ser observado em algumas das suas produções. O desenho animado é apenas um produto dentre uma ampla gama de gêneros.

Talvez o mais significativo seja o não aproveitamento, por parte da escola, da oportunidade de contribuir para que o estudante comece a formar uma consciência crítica em relação ao processo de produção e circulação da informação e demais produtos simbólicos da mídia, principalmente a partir do que ela mesma consome. Registre-se, ainda, a míngua exploração do potencial educativo da mídia, não só como espaço de construção de conhecimento multidisciplinar e do interesse pela leitura do mundo, em sentido amplo, como também para a formação de uma cultura política democrática.

Foi considerando as observações anteriores, e tendo em vista a necessidade de exploração do potencial educativo da mídia para contribuir para torná-la efetivamente útil, no alcance dos objetivos da educação brasileira, que durante o período de agosto de 2001 a julho de 2002, um grupo de pesquisadores das relações entre mídia e educação desenvolveram o projeto “A mídia e a criança: um estudo da apropriação dos meios de comunicação de massa pela infância no espaço escolar”.

Trata-se de um estudo teórico-prático, no qual examinou-se o potencial de utilização do jornalismo como uma atividade de educação para os meios de comunicação com



pré-adolescentes, no universo escolar, através da produção do jornal *Triálogo*⁴, com 10 estudantes da 5ª série do Colégio Estadual Hugo Simas, de Londrina-PR. Tablóide, com 8 páginas, colorido, a publicação foi veiculada como encarte do *Jornal de Londrina*, em junho de 2002.

Durante o período de execução do projeto, a então estudante de jornalismo, Luciana de Sá Lazarini, foi aceita pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UEL. Mas, devido à complexidade do trabalho, houve a necessidade de participação de uma equipe interdisciplinar com estudantes de diversas fases da graduação, na etapa de produção do jornal, o que foi ao encontro das recomendações do edital da Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEL de 26/02/02, que incluiu a possibilidade de discentes, não contemplados com bolsas, integrarem projetos de Iniciação Científica, aumentando, assim, a participação discente em atividades de pesquisa.

As referências teóricas deste trabalho foram os estudos de OROZCO (1998), GRAVIZ e POZO (1994), que compreendem a educação básica como espaço de vivência de uma pedagogia sobre a mídia, fundamentada na problematização das relações entre os dois campos. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante proposta por THIOLENT (1986) e DEMO (1987).

A investigação e a participação foram elementos integrados no estudo, o qual valeu-se de recursos teóricos metodológicos desenvolvidos pela pesquisa em comunicação a partir, principalmente, de enfoques conhecidos como: pesquisa participante em comunicação, jornalismo comparado e leitura crítica da mídia.

Em algumas etapas, o projeto teve características interdisciplinares, já que contou com a participação de um aluno do curso de Relações Públicas, Lúcio Meireles Martins e do estudante de Desenho Industrial da UEL, Rodrigo Denohá Bueno (que coordenou a equipe de ilustração e a programação visual do suplemento), além de integrar estudantes em diferentes fases da graduação. Por exemplo, Rodrigo Bueno estava concluindo

⁴ O Núcleo de Estudos de Comunicação e Educação para a Cidadania edita, desde 1999, o boletim trimestral *Triálogos* – um diálogo mídia, escola e universidade, dirigido aos professores da rede pública de ensino de Londrina. O jornal produzido com os estudantes do Hugo Simas acabou sendo chamado pelo diminutivo da primeira publicação original, pois os participantes, monitores e coordenadores do projeto decidiram em uma votação que seria a denominação mais adequada para a publicação, um vez que esta continuou sendo um diálogo entre escola, mídia e universidade.



o seu curso, enquanto que Mariana Soares, que colaborou com as oficinas de reportagem e redação, cursava o 1º. ano de Jornalismo.

É importante dizer ainda que esta investigação insere-se numa perspectiva mais ampla, uma vez que se constitui em apenas um dos trabalhos desenvolvidos pelo núcleo “Estudos em mídia-educação para a cidadania” – cadastrado como grupo de pesquisa no diretório do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Desde 1999, vem sendo desenvolvidos na Universidade Estadual de Londrina estudos que buscam compreender a apropriação das mensagens dos meios de comunicação de massa no universo escolar.

O PROCESSO

Possibilitar que a temática das relações entre comunicação e educação básica seja um componente fundamental do processo de ensino e aprendizagem na formação universitária do jornalista; investigar formas de linguagem para publicações jornalísticas dirigidas ao público infantil e contribuir para a formação de uma atitude de apropriação crítica da informação e demais produtos simbólicos da mídia, através de uma experiência prática de produção jornalística adequada à infância no ensino formal foram objetivos norteadores deste trabalho.

Com vistas a atingir os objetivos propostos, primeiramente, realizou-se uma análise de conteúdo quantitativo-qualitativa, de jornais infanto-juvenis publicados, no Brasil. Foi o momento em os pesquisadores puderam familiarizar-se com a linguagem utilizada pelos veículos especializados e puderam confirmar a idéia inicial de que o material produzido pelas empresas jornalísticas, em geral, veicula conteúdos de pouca relevância, estimula o consumo de produtos que apenas as crianças das classes mais abastadas poderão ter acesso e tem como preocupação principal conquistar o futuro consumidor-leitor.

Em seguida, os pesquisadores selecionaram a escola em que o projeto seria desenvolvido e apresentaram o cronograma de atividades para a direção do estabelecimento de ensino. Pensou-se em realizar o projeto na Associação da Crianças e do Adolescente de Londrina (Acalon), mais conhecida como Escola Oficina, uma organização não governamental que realiza diversas atividades sócio-educativas com crianças que vivem em situação de risco. Infelizmente, não foi possível desenvolver o projeto nesta escola, porque



houve uma demora expressiva (cerca de dois meses) por parte da equipe de direção em marcar a data do início dos encontros dos pesquisadores com as crianças.

Foi então, que optou-se por realizar o projeto no Colégio Estadual Hugo Simas – escola pública mais antiga de Londrina (fundada em 1937) e também uma das mais tradicionais, que conta com cerca de 1600 alunos e está localizada no centro da cidade. Os motivos que levaram a esta escolha foi o fato da diretora deste estabelecimento de ensino ter participado de encontros com equipe de pesquisadores do “Núcleo de Estudos de Comunicação e Educação para a Cidadania” e ser uma das educadoras que demonstrou interesse em que o projeto fosse desenvolvido em sua escola, na ocasião em que tomou conhecimento da intenção de se desenvolver uma experiência que visava produzir um jornal com crianças no espaço escolar.

Uma vez decido o local em que projeto seria desenvolvido foi necessário selecionar os alunos para participarem da atividade. A única solicitação feita pelos pesquisadores à escola foi que os participantes estivessem na 5ª série e tivessem disponibilidade de freqüentar semanalmente os encontros que aconteceriam no contra-turno escolar (às terças e quartas-feiras, das 10 h ao meio dia). A opção por essa faixa etária (média de idade de 11 anos) deveu-se ao fato de representar uma fase típica de transição entre o consumo de produtos culturais infantis e produtos dirigidos a público adolescente.

Atendendo as solicitações, a diretora junto a uma das pesquisadoras passou nas quatro classes de 5ª série da escola – todas pertenciam ao período vespertino - e informou sobre o novo projeto. Quase metade dos cerca de 130 estudantes destas salas se interessaram em participar da atividade, o que surpreendeu e, de certo modo, até assustou as pesquisadoras que previam trabalhar com um grupo de, no máximo, 20 alunos. Os interessados levaram para casa uma carta dirigida aos responsáveis, na qual solicitava-se autorização para participar da atividade e explicava o trabalho que seria desenvolvido.

DESMISTIFICANDO O JORNALISMO

As primeiras reuniões de trabalho aconteceram em março de 2002 com pouco mais de 20 estudantes, conforme desejavam as pesquisadoras. O número de participantes foi inferior ao de interessados, porque muitos estudantes já tinham outros



compromissos no mesmo horário (futebol ou catecismo, por exemplo) ou não puderam contar com a disponibilidade de um responsável para levá-los à escola, nem obtiveram autorização para irem sozinhos.

O compromisso do jornalista com os leitores e não com as fontes de informação, com a verdade dos fatos que se está reportando, a ética jornalística e o jornalismo como um serviço público à sociedade foram alguns temas discutidos com os pré-adolescentes, que nortearam a elaboração das pautas e a escolha dos assuntos do jornal a ser produzido.

A outra preocupação fundamental foi familiarizar os participantes com o universo dos meios de comunicação que normalmente é desconhecido pelo público em geral. Em alguns aspectos, tratou-se mesmo de desmistificar a mídia, uma necessidade enfatizada por estudiosos como, por exemplo, OROZCO (1998) e GRAVIZ y POZO (1994).

Desse modo, buscou-se aproximar os participantes de elementos do campo jornalísticos: tanto com as ferramentas jornalísticas (gravador, máquina fotográfica e computador) que foram apresentadas apenas como instrumento auxiliar do trabalho jornalístico, quanto com as redações, com a faculdade de jornalismo e com profissionais da área.

Considerou-se importante que os participantes conhecessem os mecanismos de seleção de notícias, o funcionamento técnico dos equipamentos utilizados pelos jornalistas (tanto na reportagem, quanto na edição) para que tenham mais suporte para a avaliação do produto final que é veiculado pelas empresas de mídia. Na visita ao *Jornal de Londrina*, que, como já foi dito, foi o periódico que publicou o *Triologuinho*, como encarte, o editor de cultura, José Granado, explicou como é o dia-a-dia das redações. Nas perguntas feitas pelas crianças ao profissional, percebeu-se curiosidade com relação ao surgimento da imprensa, os erros cometidos pelos jornalistas e também com o modo como as notícias chegavam aos jornais e os critérios de seleção para a sua publicação. A garota Francielle Caroline Faraum, por exemplo, perguntou: “As pessoas ligam aqui para falar o que está acontecendo? E se eu ligar para você colocar alguma coisa que eu quero que saia no jornal vocês colocam?”

Devido à grande curiosidade com relação ao funcionamento da redação, condições de trabalho dos jornalistas e dos equipamentos técnicos, as crianças fizeram entrevistas e perguntas aos jornalistas, fotógrafos e diagramadores com desenvoltura. Foi detectada também grande curiosidade com relação a equipamentos até então desconhecida por



eles, como a máquina fotográfica digital e a tecnologia em geral empregada na gráfica do jornal. Uma das participantes, Luana Siqueira, no relatório das atividades desenvolvidas na visita, explica: “Vimos uma máquina fotográfica em que a gente tira foto que aparece numa televisãozinha.”

Com apoio do *Manual do Peninha* e do *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, foi discutido o conceito da notícia e sua relevância, sempre com a preocupação de enfatizar que um jornal, para cumprir sua função de informar adequadamente deve priorizar aquelas notícias que têm relevância para o leitor e para a sociedade. Sobre este ponto, há que se remeter perguntas surgidas no decorrer do processo de elaboração do jornal, como “Nosso jornal não vai ter fofoca?” Voltou-se então à questão da relevância social desta seção para o leitor. A próxima indagação então foi: “Mas todo jornal tem uma seção de fofoca”. Surgiu, com isso, a discussão de que o trabalho que estava sendo desenvolvido não era a reprodução de modelos existentes no mercado, mas sim a criação de um jornal para pré-adolescentes feito por pré-adolescentes, que poderia inovar e não teria de reproduzir conteúdos que poderiam ser considerado, por eles, supérfluo.

Estabeleceu-se um pacto, então, de que o trabalho seria orientado com o compromisso com o leitor de publicar informações verdadeiras e que, efetivamente, tivessem justificativa para serem divulgadas. Além disso, uma pergunta se fez: como escolher a notícia? O critério estabelecido também foi o da relevância social do conteúdo das matérias publicadas.

A equipe de pré-adolescentes participou de todas as etapas de produção de um jornal, excetuando a diagramação final e a impressão, juntamente com os pesquisadores. Desde a escolha dos assuntos, elaboração da pauta, entrevistas e edição, eles mesmos foram produtores de informação e o processo se deu, tanto para os pesquisadores, quanto para os pré-adolescentes que participaram, como uma experiência nova; um “aprender-fazendo”. E toda as atividades tiveram, um caráter de ação voluntária, uma vez que, por orientação do projeto, não houve vínculo com as aulas.

Muitos dos pré-adolescentes que participaram dos encontros iniciais foram desistindo, tanto que apenas 10 crianças participaram da elaboração do jornal até o final. Vários fatores contribuíram para isto. Vale explicitar que nas primeiras reuniões as atividades foram “mais divertidas”. Os estudantes participaram das visitas à redação do *Jornal de*



Londrina e à UEL, onde puderam conhecer os laboratórios do curso de jornalismo e as instalações da rádio Universidade FM, e realizaram enquetes que auxiliaram na construção da pauta.

DA PAUTA À REPORTAGEM

Para realizar as enquetes, cujos resultados foram utilizados como parâmetro para a elaboração das pautas, para os assuntos da cidade, estudantes do Hugo Simas foram ao Calçadão e à Biblioteca Pública Municipal de Londrina e fizeram 39 entrevistas ao todo. As questões feitas aos leitores foram: 1. Quais são os principais problemas da Londrina? 2. O que o (a) senhor (a) acha importante um jornal noticiar? Para a primeira pergunta, as respostas que predominaram foram: desemprego, segurança, poluição, má administração, violência e educação e para a segunda, a que mais se falou foi a situação política. Outros assuntos propostos pela própria equipe, e que geraram matérias, foram a gravidez na adolescência e a substituição da sirene do sinal escolar por música, em uma outra escola londrinense.

Nas sugestões trazidas pelos alunos, os assuntos sugeridos variavam: ora referentes ao cotidiano deles, ora referentes a discussões em pauta na mídia. Um exemplo do primeiro caso é a matéria de gravidez na adolescência, sugerida por uma aluna que vê com frequência estudantes mais velhas, na escola, grávidas; um outro exemplo é o da matéria da música que substitui a sirene do sinal no Colégio Estadual Vicente Rijo - sugestão trazida por um aluno porque seu amigo que estuda naquela escola lhe contou do projeto que lá acontecia.

O efeito de “agendamento temático da mídia” foi perceptível nas sugestões de reportagem trazidas pelos participantes. Um exemplo foi a insistência das crianças em fazerem uma matéria sobre drogas e a repetição de slogans anti-drogas (uma das histórias em quadrinhos do jornal, inclusive, aborda essa temática). Na ocasião, a novela *O Clone* inseriu essa problemática no enredo, fato que, possivelmente, tenha contribuído, naquele momento para ampliar sua abordagem nas conversas privadas dos telespectadores, e com esses estudantes não foi diferente.

Dentre os assuntos que despertavam a curiosidade dos estudantes apresentavam aos pesquisadores (como sexo, drogas, relacionamentos), houve um, por exemplo, surgido numa conversa sobre televisão, que terminou numa aula de biologia. A



novela “O Clone” instigou o interesse sobre reprodução humana. Dúvidas e perguntas surgiram. Explicou-se o que era DNA, ovário, útero, espermatozóide, clonagem, buscando utilizar linguagem simples, com o auxílio de desenhos.

O público alvo do jornal definido por eles a princípio foi 5^{as} e 6^{as} séries das escolas públicas de Londrina. Os pré-adolescentes consideraram mais importante entregar o jornal aos alunos de renda mais baixa, como explicitou Augusto B. de Costa Silva: “Temos que entregar só para colégios públicos, se for para entregar para colégio particular temos que cobrar porque os alunos ali têm dinheiro”.

Com o passar do tempo, os encontros se tornaram “mais sérios”. Os participantes do projeto *Triologuinho* tiveram que se preparar para fazer entrevistas com “pessoas importantes”, como o prefeito da cidade, e realizar tarefas trabalhosas, como escrever e reescrever textos, editando-os até que eles estivessem no tamanho adequado para ser publicado, corretamente escrito e que transmitissem informações devidamente apuradas. Nesta fase, mais trabalhosa, muitos estudantes desistiram.

É importante dizer que uma iniciativa deste tipo requer recursos financeiros para apoiar os participantes que o projeto não dispunha. Um das garotas, que participava das reuniões, deixou de freqüentá-las, sem apresentar justificativa de imediato. Só depois a equipe de pesquisadores veio a saber que a mãe da garota disse que não poderia continuar custeando o almoço da filha em restaurantes do centro ou pagar ônibus para ela ir almoçar em casa e voltar à escola para as atividades do projeto.

Na fase de produção do jornal, a equipe se dividiu em dois grupos: o da ilustração e o da reportagem e redação. A divisão se deu de forma espontânea, já que havia os que queriam escrever e fotografar e os que queriam desenhar. A equipe da ilustração foi coordenada pelo estudante do quarto ano de Desenho Industrial da UEL, Rodrigo Bueno Denohá. A de reportagem e redação se subdividiu: três alunas que escolheram entrevistar o prefeito e ficaram sob coordenação de Luciana de Sá Lazarini. Outras duas, que ficaram com Maria Rita Teixeira Afonso, fizeram uma matéria sobre professores e outra sobre “Gravidez na adolescência”. Outros dois, que se decidiram pela matéria da “Reforma do Lago Igapó” e “Música que substituiu a sirene no colégio Vicente Rijo”, foram orientados pela estudante de jornalismo, Mariana Soares e pelo estudante relações públicas da UEL, Lucio Meireles Martins.



4. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O estudante de desenho industrial Rodrigo Denohá Bueno desenvolveu, neste projeto de pesquisa, um trabalho que ultrapassou a preocupação de reprodução dos padrões estéticos usuais dos suplementos infantis publicados pelos jornais e estimulou a criatividade e a inventividade dos participantes. Com a autenticidade e a originalidade de desenhos e idéias das próprias crianças, as páginas do jornal tornaram-se muito atraentes. Os desenhistas, por sua vez, com as criações apresentadas no jornal, sentiram-se muito empolgados com a publicação do seu trabalhos.

Antes de tudo, foi estabelecida a confiança. Primeiro no trabalho e depois no responsável por esta equipe. A certeza de que o trabalho ficaria bom (com a ajuda das correções do que não estivesse adequado) contribuiu. Havia também a expectativa de aprender algum “truque” para desenhar melhor. Também foram colocados à disposição dos participantes materiais profissionais de desenho do monitor, uma novidade para aqueles alunos.

Vários assuntos foram tratados enquanto os desenhos eram feitos. Em cada conversa, o pesquisador passava a conhecer melhor o universo dos pré-adolescentes, suas curiosidades, expressões, linguagem e indagações. O trabalho foi desenvolvido numa perspectiva de que intimidade e confiança são fundamentais para transformar a imaginação em algo palpável. Seja um desenho, um texto ou uma HQ.

A oficina que se realizou, neste projeto de pesquisa, funcionou como uma “equipe de arte”, trabalhando em paralelo com os “repórteres” e “jornalistas”. Era fundamental o trabalho em conjunto. Apesar de separados dos “jornalistas” deveriam acompanhar suas atividades para que todo o projeto mantivesse o mesmo ritmo. A equipe de desenho começou com nove “desenhistas”, dos quais apenas três concluíram toda a atividade.

Articulando textos e imagens, a equipe ilustraria não só os temas das reportagens, mas também a criação de histórias em quadrinhos para a contracapa do suplemento, que integrou a seção de entretenimento. Para desenvolver as atividades, a presença constante de cada estudante para realização do projeto foi indispensável. Na primeira etapa do trabalho, a oficina foi desvinculada do propósito do jornal. O tema livre, além de “aquecer” a criatividade, foi uma espécie de “seleção natural” dos alunos mais dispostos a



este trabalho. Durante esse período, a equipe de jornalismo definiu os temas. A partir disso, pôde-se ter idéia da representação visual do jornal. Na segunda etapa do trabalho, com a turma “aquecida” e naturalmente selecionada, trabalhou-se o tema de cada matéria, traduzindo em imagens o texto produzido pela equipe de jornalismo.

PRODUTO FINAL

O resultado deste processo de produção foi um tablóide de 8 páginas, colorido, encartado no *Jornal de Londrina* de 10 de junho de 2002, com o patrocínio do Centro de Comunicação, Educação e Artes da UEL. A parceria foi possível por algumas características editoriais do suplemento elaborado: os temas tratados extrapolaram os limites da escola -o conteúdo das matérias era de interesse geral e poderia ser lido por pessoas de qualquer idade. A publicação em uma segunda-feira deveu-se ao fato de ser este o dia da semana em que o *Jornal de Londrina* chega a todas as escolas municipais da cidade, devido a um convênio da Secretaria Municipal de Educação com um programa do tipo “Jornal na Escola”, desenvolvido pela empresa jornalística citada.

Na capa do *Triologuinho* foi publicada uma ilustração elaborada pela estudante da quinta série, Graziely de Oliveira Farias, que recebeu acabamento de Rodrigo Bueno (finalizador das demais ilustrações). Buscou-se destacar, além das matérias principais do suplemento, a forma como se deu a produção do jornal: as crianças fizeram entrevistas, enquetes e ilustrações sobre acontecimentos e fatos da cidade.

O editorial do jornal foi escrito pela Luciana de Sá Lazarini, estudante responsável pelo projeto, com a professora orientadora Carly B. de Aguiar. Nele, explicou-se o processo de produção do jornal. Na mesma página em que foi publicado o editorial (página 2), foi publicada a matéria com dados que esclareciam o que é necessário para ser professor e declarações de alguns professores dizendo como eles se comportavam quando ainda eram alunos.

Na página seguinte, publicou-se uma matéria sobre gravidez na adolescência. Com esta reportagem, discutiu-se um tema transversal da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): a orientação sexual. A pesquisa jornalística e o depoimento concedido por uma adolescente grávida que cursava o ensino médio no Hugo



Simas ajudaram a esclarecer dúvidas que as estudantes tinham com relação a métodos contraceptivos, sexo e dificuldades decorrentes de uma gravidez precoce.

A ética jornalística foi avaliada não somente entre as autoras da matéria, como também entre a equipe do jornal. Explicou-se (para as autoras, para a entrevistada e na matéria) que o nome da entrevistada seria fictício para preservá-la, o que foi posteriormente questionado por uma estudante da equipe que não participara desta matéria: “Por que nós que fizemos o jornal não podemos saber o nome da entrevistada?” Explicou-se que o importante era conhecer o relato de alguém que viveu a experiência e não, necessariamente, saber quem era a pessoa; que ali estava alguém, de certo modo, representando outras meninas que também passaram pela situação. A matemática também fez parte das discussões que ocorreram durante a elaboração desta matéria. Um conteúdo interdisciplinar, que pôde ser explorado, integrou noções de cálculo de porcentagem, uma vez que as repórteres trabalharam com dados de reincidência de gravidez na adolescência.

As páginas 4 e 5 (espelho) foram ocupadas por uma entrevista com o prefeito da cidade Nedson Micheleti. Antes de realizar a entrevista as alunas foram à Biblioteca ler alguns jornais para aprofundar a pauta. Foi ressaltado que a pauta era apenas um roteiro de perguntas que deveria guiar o jornalista, mas que bons jornalistas se sentem à vontade para fazer mais perguntas quando necessário.

Na entrevista com o prefeito, a princípio, as crianças ficaram intimidadas e utilizavam a pauta como único suporte: liam as perguntas e não acrescentavam informações. Depois de um tempo, no entanto, foi perceptível uma “quebra de gelo” e elas passaram até mesmo a fazerem perguntas que a vizinha havia sugerido. Em alguns momentos da entrevista, o prefeito não utilizou linguagem adequada para as crianças, que na edição manifestaram desconhecimento de palavras utilizadas. Elas tiveram, então, que descobrir o significado do que o prefeito havia tido e redigir o texto de modo que ele fosse inteligível a outros estudantes da idade deles.

No processo de edição, elas perceberam a diferença entre o discurso oral e o escrito e a necessidade de adequação à norma culta padrão. Perceberam também que o material publicado nos produtos finais da mídia é editado: seja por limitação de espaço (no caso dos impressos) ou de tempo (em rádio e TV). A entrevista que tinha a princípio 23 mil caracteres foi publicada com cerca de 8 mil. Na edição, ressaltou-se que as informações mais



importantes para o leitor deveriam ficar na publicação e apenas os excessos deveriam ser cortados.

Na página seguinte, foi publicada uma matéria sobre a própria escola - Colégio Hugo Simas - em que os participantes estudavam, que estava concluindo uma série de reformas em suas instalações. Nesta matéria, foi possível utilizar o potencial interdisciplinar e integrador do jornal: ao redigir a fala do diretor entrevistado, conversou-se sobre discurso direto e indireto, conteúdo que os alunos haviam aprendido na aula de português.

Nesta página saiu também a reportagem “Música substitui sirene”. O aluno ouviu seu colega dizer que em outro colégio da cidade (o Colégio Vicente Rijo) a sirene que tocava no intervalo, no início e no final das aulas fora substituída por música. Na reunião de da pauta, ele sugeriu, então, a abordagem desse assunto. A matéria despertou interesse nos outros alunos do projeto que decidiram, por unanimidade, incluí-la no jornal.

O texto foi elaborado depois que dois alunos realizaram entrevistas no Vicente Rijo, com o acompanhamento de Lúcio Meireles e Mariana Soares, estudantes da UEL. Durante a elaboração desta e de outras matérias, ficaram perceptíveis para os pesquisadores, o grau de dificuldade que os participantes tinham na leitura e na gramática. Quando escreviam, cometiam muitos erros ortográficos, de pontuação e de regência verbal e nominal.

Na página 7 do jornal, foi publicada uma matéria sobre a reforma do Lago Igapó, um dos pontos turísticos de Londrina, que estava sendo alvo de muita controvérsia na cidade. Para esta matéria, os estudantes entrevistaram o técnico responsável pela obras. Durante a entrevista, ele usou uma linguagem acessível aos alunos explicando detalhadamente o significado dos termos técnicos, o que não ocorreu, por exemplo, em alguns momentos da entrevista com o prefeito, como já foi afirmado.

Na tarde do dia 10 de junho, os pesquisadores foram ao Colégio Hugo Simas entregar os jornais nas quintas séries onde os participantes estudam. Na ocasião, um fotógrafo da Assessoria de Relações Universitárias, da UEL, e uma jornalista da Universidade FM, fizeram a cobertura jornalística da distribuição do jornal pelos participantes do projeto, registrando o entusiasmo com que esta tarefa foi cumprida.



ESTUDANTES, PROFESSORES E A MÍDIA

Segundo dados coletados por questionários respondidos pelos 10 estudantes que participaram das atividades até o final do projeto, eles passam em média mais de seis horas por dia assistindo à televisão, sendo que as respostas variaram de quatro a onze horas diárias. Apenas dois estudantes disseram que lêem jornais diários, metade deles tem acesso à Internet e 70% a revistas, incluindo os gibis nesta categoria. Estão, portanto, expostas e sob a influência das mensagens transmitidas pela mídia, e em especial pela TV, veículo utilizado por todos no acompanhamento de fatos considerados importantes.

Há carência, no entanto, de suporte para questionar os verdadeiros significados das mensagens que são veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, argumentam GRAVIZ e POZO (1994; p.13):

La técnica atual hace posible que una reducida cantidad de individuos junte, processe e distribuya información e mensajes a grandes distancias y a um mayor número de personas, ya sea por médío de libros, diários, filmes, radio o televisión. Es evidente que la oferta e influencia de los medios de comunicación sobre la sociedad y los individuos crece dia a dia.

A escola constitui um local ideal para a discussão da temática, com vistas a contribuir para a formação da cidadania democrática. Foi considerado que quanto mais cedo se discutir sobre a mídia melhor será a capacidade crítica dos estudantes para identificarem sentidos e até mesmo manipulações que acontecem em diversos veículos de comunicação, tendo-se, assim, receptores ativos e críticos das mensagens da mídia.

A diretora auxiliar do Colégio Hugo Simas, Deibe Barbosa de Moraes, em entrevista concedida à responsável por este projeto no dia 10 de junho, disse que compartilha também da opinião de que um trabalho deste caráter dá suporte aos participantes para que tenham uma reflexão crítica cada vez mais aguçada. “Imagine o quanto elas contribuirão se continuarem esse trabalho até o 3º. colegial.” Ela reforça que projetos que envolvem estudantes e professores da área de comunicação na escola possibilitam abordagens mais críticas do funcionamento da mídia.

Quando há resistência dos professores na utilização e na avaliação dos meios de comunicação em sala de aula, perde-se a oportunidade de que os estudantes



questionem os produtos que eles mesmos consomem, deixando de perceber as variadas formas através das quais a mídia capta, focaliza e explora o universo infantil, como pode ser observado em algumas das suas produções.

No contato com o dia-a-dia da escola, percebeu-se que o jornal é utilizado na sala de aula apenas como uma ferramenta e não em sua especificidade. Foi identificado o não aproveitamento da oportunidade de contribuir para que o estudante comece a formar uma consciência crítica com relação ao processo de produção e circulação da informação e demais produtos simbólicos da mídia, principalmente a partir dos produtos que ele mesmo consome. Evidenciou-se isto tanto nos conteúdos referentes ao jornal abordado no livro didático de português adotado pela escola para a quinta série -que em suas atividades sugeria que os estudantes inventassem uma entrevista e recortassem seções de horóscopo - quanto por entrevistas realizadas com professoras do colégio.

Entrevistadas professoras do Hugo Simas a respeito da utilização dos meios de comunicação na sala de aula - e não só a utilização, mas também a reflexão sobre as mensagens veiculadas-, elas afirmaram que realizam esse tipo de trabalho apenas no ensino médio, por considerarem que antes disso os alunos ainda não teriam capacidade de entendimento e de questionamento dos meios de comunicação de massa.

Não só os estudantes que participaram deste projeto são a prova de que essa premissa é equivocada (o que pode ser comprovado pelo produto final de nosso trabalho, o suplemento infantil) mas também fica evidente em uma carta de leitores da revista *Caros Amigos* de maio de 2002, enviada por Rosiane Alves Palácios, de 10 anos, que pede “um espaço (na revista) destinado às crianças e adolescentes que não são alienados e refletem sobre os problemas sociais com responsabilidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação possibilitou às pesquisadoras uma experiência prática de ação identificada com a busca de canais que ajudem a universidade e a escola a contribuírem para a democratização da informação. É, também, uma demonstração do que é possível fazer para uma utilização crítica dos meios de comunicação como recurso formativo na educação formal e informal. Além disso, com o seu desenvolvimento foi possível reforçar a percepção



de que, quanto mais cedo se introduzir a discussão sobre os meios de comunicação de massa, mais chances há de se contribuir para a formação de receptores ativos e críticos dos produtos da mídia.

No trabalho em conjunto com as crianças, houve preocupação dos pesquisadores de respeitar a linguagem dos pré-adolescentes: apenas com o acompanhamento da monitoria dos orientadores universitários, com relação a erros de português, eles delimitavam o que lhes era inteligível. Para os pesquisadores, os principais resultados foram aprender a explorar a linguagem do jornalismo infantil e descobrir novos campos de atuação de uma perspectiva crítica, com um público que é normalmente atendido pelas empresas jornalísticas apenas como consumidores de bens culturais mecanizados e mercadorias de diversas procedências, voltadas para a infância.

Os pré-adolescentes, além de se familiarizarem com a linguagem e os mecanismos de produção jornalística, atuaram como produtores de informação, discutindo temas de relevância social. O processo se deu como uma experiência nova, de aprendizagem, que combinaram momentos de diversão e atividades educativas, que exigiam esforço e dedicação. Além disso, a experiência lhes possibilitou perceber que podem deixar de ser meros espectadores e consumidores de informações produzidas por um restrito grupo de emissores.

Em entrevistas que as crianças deram ao jornalista da UEL, Chico Amaro, após a etapa da avaliação do jornal, a estudante do Hugo Simas Francielle Faraum disse que a experiência de produção do jornal foi mais interessante do que as aulas. “Não daria para aprender na sala de aula o que aprendi com o **Triálogozinho**”. O estudante Lucas Figueiredo, por sua vez, avaliou que é importante uma experiência deste caráter por permitir que os participantes conheçam as dificuldades de se fazer um jornal.

Nessas entrevistas que o jornalista realizou, percebeu-se a insistência no questionamento se a produção de um jornal na escola poderia ser melhor ou substituir as aulas convencionais (considerando-se que, com a experiência, pode-se discutir também conteúdos interdisciplinares que fazer parte do currículo escolar). Os pesquisadores consideram que a elaboração de um jornal no ambiente escolar com a participação ativa dos estudantes do colégio é importante como complemento na aprendizagem, mas não substitui (nem deve competir com) as aulas convencionais.



BIBLIOGRAFIA

- DEMO, Pedro. *Investigación Participante: Mito y realidad*. Buenos Aires, Kapelusz, 1987
- _____. *Pesquisa e Informação Qualitativa*. Campinas, SP: Papirus, 2001
- DISNEY, Walt. *Manual do Peninha*. São Paulo, Editora Abril, 1973.
- ELIAS, Marisa de Cioppo, *Célestin Freinet: Uma pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- GRAVIZ, Ana e POZO, Jorge. *Niños Médios de comunicación y su conocimiento*. Barcelona, Herder, 1994.
- HEPBURN, Mary. “Los jóvenes y los médios: ¿Qué y cómo aprenden?”, en *Actas del Décimo Congreso Nacional El Diálogo en la escuela*, San Salvador de Jujuy, noviembre 1996
- IJUIM, Jorge K. *Jornal na Escola, um instrumento de integração*. In: FERNANDES, Francisco A.M. e BARROS, Laan M. de. *Comunicação e Solidariedade*, São Paulo, Loyola, 1992, p. 93-101.
- Manual da Redação: Folha de S. Paulo*. 3.ed. – São Paulo: Publifolha, 2001.
- OROZCO, Guillermo Gómez, “A pedagogical strategy for media education”. In: *European Conference Children’s Creativity Builds The Future*, não editado, 1998.
- PACHECO, Elza Dias, “Televisão, criança e imaginário: contribuições para a integração escola-universidade-sociedade”, São Paulo, ECA/USP, 1997.
- THIOLLENT, Michel, 1947. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1986